

Pensamento nacional | **corporativo**

Efeito

Copacabana



OS IDOSOS EXIGEM INOVAÇÕES DAS EMPRESAS E DO PODER PÚBLICO, COMO PROFISSIONAIS E CONSUMIDORES. ELES VÃO DOBRAR SUA PARTICIPAÇÃO NA SOCIEDADE BRASILEIRA ATÉ 2025, O QUE PODE TRAZER TANTO UMA CRISE TERRÍVEL COMO OPORTUNIDADES E SUCESSO PARA OS NEGÓCIOS E O PAÍS, ALERTA O MAIOR ESPECIALISTA MUNDIAL DA ÁREA, ALEXANDRE KALACHE, EM ENTREVISTA EXCLUSIVA



Fotos: Marcos Arcoverde

A ideia chinesa de que toda crise equivale a uma oportunidade às vezes parece gasta, mas talvez nunca tenha sido tão sábia como no caso do envelhecimento da população brasileira. Em primeiro lugar, sim: o aumento da população idosa no País pode gerar uma crise socioeconômica de proporções gigantescas, porque acontecerá em um ritmo muito mais acelerado que, por exemplo, nos países europeus e com uma infraestrutura de base bem mais deficiente. Em 2025, teremos o dobro de habitantes com mais de 60 anos. E ainda somos poucos prestando atenção a isso.

Já a oportunidade não é uma, mas pelo menos três. A número 1 é que tanto governo como empresas têm a possibilidade de alavancar a marca Brasil de uma maneira nunca imaginada com isso, se liderarem a aprovação da Convenção de Direitos Humanos do Idoso na Organização das Nações Unidas e incorporarem o foco no idoso a sua estratégia e marketing. A oportunidade número 2 é o novo mercado que se forma, ainda sem dono, com novas demandas que levam ao desenvolvimento, por inovação muitas vezes, de novos produtos e serviços. E a terceira é o aproveitamento dos seniores como profissionais por mais tempo dentro das organizações. O médico gerontologista Alexandre Kalache, um dos

maiores, se não o maior, especialistas do mundo em envelhecimento populacional, criador das “cidades amigas do idoso”, discorre sobre as ameaças e oportunidades que surgem com esse fenômeno, assim como os pontos fortes e fracos do Brasil e suas organizações para lidar com ele. A entrevista, concedida com exclusividade a Adriana Salles Gomes, editora-executiva de **HSM Management**, teve lugar em um simbólico apartamento de Copacabana, bairro que inspirou as “cidades amigas do idoso” e dominado pelos maiores de 60 anos.

Você está criando um Centro Internacional de Políticas Públicas para o Envelhecimento no Brasil. Quero começar nossa conversa por aí. O que é essa instituição?

O Cippe, que deve começar a funcionar em agosto deste ano, nasce para pensar em políticas sustentáveis e viáveis que deem conta do *boom* de envelhecimento populacional que o Brasil está vivendo. É preciso derrubar esse mito da juventude; o Brasil está envelhecendo, e com uma rapidez incrível, o que transforma esse fenômeno num desafio sem precedentes.

Temos de nos inspirar naquilo que já foi feito lá fora, mas também criar soluções novas, próprias, porque não adianta tentar copiar o que se faz na Dinamarca. Para isso, estamos montando uma rede de conec-

xões com diversas organizações de pesquisa e de ação, como a Fiocruz, a UERJ [Universidade Estadual do Rio de Janeiro], o governo do estado, a universidade federal, grupos que estão fazendo boas pesquisas em São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Brasília. E ele também nasce como organização global, incluindo grupos de pesquisas da América do Sul –Argentina, Chile e Uruguai– e entidades internacionais com as quais eu pessoalmente tenho muito contato, tanto na Espanha, país com que tenho feito muitos trabalhos, como as universidades de Londres e Oxford, na Inglaterra, passando pela própria Organização Mundial da Saúde, em Genebra, Suíça, e pela New York Academy of Medicine.

Por que isso importa a um país como o Brasil, que é jovem comparado aos países europeus?

Há quem diga que políticas para idosos é um luxo de países desenvolvidos, mas eu sempre respondo:

políticas adequadas e sustentáveis para o envelhecimento são mais importantes aqui do que lá fora, porque lá, de alguma maneira, as coisas se ajustam e aqui não.

Os países desenvolvidos primeiro enriqueceram e depois envelheceram, enquanto nós estamos envelhecendo antes de sermos ricos e em um passo muito mais acelerado. Há um desafio –e um risco– gigantesco.

É possível quantificar o desafio?

O Brasil deve dobrar a proporção de idosos –de 9% para 18% da população total– em 17 anos, “de virada”. Em 2025, teremos 32 milhões de pessoas com mais de 60 anos em nosso País. E, em 2050, esse número pode subir para 70 milhões. Para comparar, a França dobrou de 7% para 14% em 115 anos, e ela já era um país rico –que continuou rico. Ou seja, a França teve tanto tempo como recursos para implantar políticas específicas de enfrentamento

do desafio e, mesmo assim, cometeu erros tão grandes que, há quatro anos, quando houve aquela onda de calor na Europa, morreram 15 mil idosos lá porque não eram monitorados. Tanto que quem deu o alerta sobre o fenômeno foram as funerárias, não a saúde pública.

Um país que envelhece como o Brasil, em 17 anos, podemos dizer que envelhece “de virada”.

E qual é o risco exatamente?

Vou dar só o exemplo da saúde. Com mais idosos e sem dinheiro para tratar de sua saúde preventivamente, vão acabar desviando recursos dos programas de saúde da mulher, da criança, do trabalhador, agravando muito os problemas sociais e gerando uma tensão que pode virar guerra intergeracional.

Sem querer chorar o leite derramado, mas tudo isso não era algo previsível que podia ter sido atacado com bom planejamento?

Sim! As políticas de previdência social já eram insustentáveis quando foram implantadas, na década de 1940, no governo Getúlio Vargas. Era só fazer contas para perceber. E essas políticas podiam ter sido chegadas nos últimos 30 anos, quando o grupo que tinha mais de 60 anos de idade ainda era pequeno –4% da população.

E, se o pior acontecer, penalizam-se não só toda a sociedade, como também os negócios...

Exato. E, na verdade, bastaria apoiar a cuidadora do idoso –geralmente é uma mulher, por isso digo “cuidadora”– e integrá-lo na sociedade, o que seria bem mais barato.

Você fala mais em políticas públicas. Mas qual é o papel da esfera privada nessa história?

É enorme e não tem a ver apenas com sua capacidade de influenciar o setor público. As empresas andam tendo políticas totalmente inade-

AS CIDADES AMIGAS DO IDOSO

Em 2005, o Congresso Internacional de Gerontologia, realizado no Rio de Janeiro, foi aberto por Alexandre Kalache em grande estilo: depois de uma pesquisa com os idosos do bairro de Copacabana, onde um em cada três habitantes tinha mais de 60 anos, ele e uma equipe fizeram um projeto denominado “Copacabana Amiga do Idoso”, que propunha foco e facilidades para a população dessa faixa etária. A iniciativa teve grande repercussão e ecoou além-fronteiras. Os participantes internacionais se interessaram pela metodologia da pesquisa e estavam lançadas as “cidades amigas do idoso”. Vieram Tóquio, Londres, Nairóbi, Melbourne, Nova Déli, Vancouver, Xangai, Nova York, Istambul, Moscou e Buenos Aires, entre outras. Hoje são mais de 30.

O passo seguinte foi a elaboração de um guia com base nos resultados das pesquisas nessas cidades, lançado em 1º de outubro de 2007, Dia Internacional

do Idoso, simultaneamente em Nova York, Moscou, Genebra e Copacabana, aqui em uma parceria com o banco Bradesco. Ainda não foi feito tanto quanto se esperava nessa seara em Copacabana, porque o poder político é lento, como lembra Kalache, embora o governo estadual e várias instituições se mantenham relativamente mobilizados.

Enquanto isso, a ideia continua avançando em outras regiões. Faz um ano, desembarcou no Rio Grande do Sul, onde a mesma pesquisa foi realizada em tempo recorde em 35 cidades. Logo estavam elencadas as soluções e foi montado um grupo de trabalho intersecretarias (Saúde, Tecnologia, Comércio, Planejamento etc.) para implementá-las. Mas então o processo parou –nada que seja particularmente surpreendente em se tratando de governo no Brasil– e seu idealizador ainda não sabe quando será retomado. Kalache tem pressa.

quadas para lidar com esse desafio. Vêm aposentando precocemente pessoas que ainda poderiam estar contribuindo para o negócio, a sociedade e a economia como um todo. Só aumentam a desintegração do idoso assim. Nem é uma atitude inteligente não incluir idosos na equipe, porque essas pessoas combinam criatividade com muita experiência, o que amplifica seu potencial de contribuição para os negócios, e seu custo pode ser particularmente competitivo, dependendo do contrato negociado.

Há estudos sobre qual deve ser a maneira de o idoso trabalhar? A rotina 24 por 7 não é a ideal...

Você pode criar incentivos para que as pessoas possam trabalhar por mais tempo de várias formas. O ideal é ir promovendo uma redução gradual, paulatina, do tempo de trabalho, de 42 horas semanais para 30, depois, daqui a três anos, 20 horas, então meio período... Também pode haver incentivos determinando que não é preciso ir todo dia à empresa; algumas tarefas podem ser cumpridas em casa.

E é importante criar mecanismos para que seja feita a transmissão de conhecimento dos mais velhos aos mais jovens. Em geral, as empresas colocam os idosos num gueto, mantendo-os inacessíveis aos jovens pela hierarquia e gerando antipatia.

Há uma teoria dizendo que o melhor modo de a empresa inovar é com duplas de idoso e jovem...

É ganha-ganha para eles também. O idoso se beneficia com o estímulo e o jovem recebe a experiência. Pesquisas na Inglaterra e nos Estados Unidos revelaram que idosos são bons gestores de crises, ao mostrar que as empresas que sobreviveram melhor às crises foram as com mais idosos em seus quadros, porque estes são menos impetuosos e têm acesso à memória de como se adaptar a situações.



MENOS MARKETING, MELHOR MARKETING

O melhor marketing se faz quando não se quer fazer marketing, e sim quando há interesse autêntico por uma causa. Isso é algo que os indivíduos sabem instintivamente e de que as empresas desconfiam institucionalmente, mas a lição ainda não foi aprendida como se deve e, principalmente, com quem se deve —os responsáveis pelas iniciativas sem fins políticos e sem fins lucrativos. Um desses responsáveis é o médico gerontologista Alexandre Kalache, e uma das iniciativas a ser imitadas em sua autenticidade é a celebração do Dia do Idoso coordenada por ele e movimento do envelhecimento ativo com o *Global Embrace*, ou Abraço Global. Isso aconteceu dez anos atrás, em 1999, ou melhor, em 1997, com uma espécie de ensaio do evento em Copacabana. O próprio Kalache faz o relato:

“Chamamos a sociedade civil, do Rotary ao Sesc, passando pelo governo estadual, o municipal e o federal, e pela Sociedade Brasileira de Gerontologia, além dos grupos escolares de Copacabana, montamos um comitê organizador e juntos decidimos fazer um ensaio que seria uma caminhada. Simbolicamente, haveria dois grupos partindo de dois lugares: Posto 6 e Leme. Como as pesquisas mostram que o mínimo que você deve andar, por dia, para estimular o sistema cardiovascular são dois quilômetros, cada grupo percorreria essa distância para se encontrar no meio do caminho —a mensagem do envelhecimento ativo estava inserida no próprio modelo. No Posto 6, ficavam músicos com menos de 20 anos de idade; no Leme, os com mais

de 60. Nos caminhões, tocava uma marcha que um compositor da Portela fez sobre o envelhecimento, e nós organizamos a caminhada como se fôssemos escolas de samba, o que foi relevante culturalmente. Foi um evento totalmente intergeracional. As crianças entregavam flores para os idosos no calçadão e os convidavam a celebrar o dia conosco, havia adolescentes fazendo capoeira. Não era falar de velhice, era falar de festa. Com um tiro de canhão do Forte de Copacabana, às 11h, saíram os dois grupos dos dois pontos, dançando no maior carnaval. Quando os grupos se encontraram, as músicas, que eram diferentes, passaram a ser a mesma música, para celebrar a harmonia entre gerações, dos músicos jovens com os idosos. E a Velha Guarda da Portela recebeu a todos. O recado que queríamos dar era: envelhecimento físico ativo (dançando, sambando, andando dois quilômetros por dia) com envelhecimento integrado socialmente (toda a sociedade participando) e envelhecimento mental ativo (por toda a atividade). Era para terminar às 15h, mas às 19h ainda estávamos todos dançando”.

Depois de mais alguns ensaios, em 1999, o Ano do Idoso, foi finalmente organizado o Abraço Global no Dia do Idoso, 1º de outubro, às 13h, começando na Nova Zelândia, que é o primeiro país a ver o sol raiar, depois de uma hora acontecendo na Austrália, então na China, no Japão etc. Lembra Kalache: “Fomos dando a volta ao mundo em 24 horas e conseguimos 3,2 mil cidades para fazerem isso conosco, como em Copacabana. Era o *Global Embrace*. Eu estava no Central Park, em Nova York; foi realmente emocionante”.

Além disso, idosos costumam cultivar relacionamentos muito bem, com os públicos externo e interno. Por exemplo, a [rede de supermercados britânica] Tesco colocou vários idosos no atendimento ao cliente e em funções de gerenciamento, e constatou que as tensões trabalhistas começaram a diminuir. O idoso acalma o jovem que está revoltado e agressivo com algo e serve de modelo a seguir –por exemplo, diminui o absentismo dos jovens, porque, se os idosos não faltavam no trabalho, mesmo com eventuais problemas de saúde, os jovens se envergonhavam de faltar.

As empresas de países desenvolvidos estão mais bem preparadas para lidar com essa questão e até explorá-la a seu favor?

Há empresas brasileiras sensibilizadas com o assunto, como o Grupo Bradesco. Mas as companhias europeias, principalmente escandinavas, estão mais avançadas em geral, até porque se debruçam sobre o assunto há 10 ou 15 anos. Entretanto, nos Estados Unidos, sociedade mais voltada para os jovens e a beleza física, isso não ocorre tanto.

Mas o *baby-boomer* norte-americano está lançando certa moda

de “ser mais velho” lá e puxando a corda pelo lado dos consumidores idosos...

Sim, foi a geração que fez a revolução sexual, a da mulher, a do negro, e agora reinventa a construção social do envelhecimento.

Imaginando uma empresa que queira integrar os idosos em seu quadro funcional, a legislação vai atrapalhá-la?

A legislação tem de ser modificada, do mesmo modo que as políticas públicas. É isso que estudaremos no Cippe. Precisa ser possível utilizar a experiência do trabalhador mais idoso sem passar pela contratação, criando *pools*.

Quais as oportunidades que o idoso oferece às empresas como consumidor?

Basta olhar o que acontece em Copacabana, bairro com predomínio de idosos, tanto que inspirou as cidades amigas dos idosos no mundo inteiro [veja quadro na página 24]. Aqui, por exemplo, as vitrines das lojas cujos clientes são idosos ainda tentam atrair os jovens, oferecendo saias justas e *tops*; é preciso mudar a mentalidade. Se isso acontecer de fato, as oportunidades serão muitas. Já estamos vendo isso em muitos restaurantes de Copa, que oferecem pratos a preços baixos para o idoso com mais de 60 anos, como acontece nas meias entradas dos cinemas. Idosos comem menos como regra, faz sentido, e também cozinham menos. O sucesso tem sido imenso. Para os que estão acima de 80 anos, alguns estabelecimentos nem cobram. Os barbeiros também praticam preços especiais para idosos, ainda mais se eles forem entre 10h e 16h, fora da hora do *rush*.

Basta, na verdade, que as empresas alavanquem o que descobrimos em nossa pesquisa com grupos focais de Copacabana, feita entre 2004 e 2005, a metodologia que deu

SAIBA MAIS SOBRE ALEXANDRE KALACHE

Ele nasceu e cresceu em Copacabana, mas talvez seja o melhor exemplo de cidadão do mundo *made in Brazil*. O médico gerontologista Alexandre Kalache é descendente de italianos e portugueses por parte de mãe, e de sírios, libaneses e gregos por parte de pai. Hoje mora entre Nova York –onde trabalha para a New York Academy of Medicine–, Barcelona, na Espanha, e Oxford, na Inglaterra. Morou

muito tempo em Genebra, na Suíça. E está se preparando para voltar a viver em Copa, seu sonho. Essa história familiar explica tanto sua admiração e respeito pelos idosos –formou-se ouvindo as ricas histórias contadas pelos parentes mais velhos– como sua trajetória profissional: pesquisador e doutor em saúde pública pela Oxford University, chefiou o Programa de Envelhecimento e Saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS) e é conselheiro do presidente da New York Academy of Medicine, além de embaixador global da organização não governamental HelpAge.

Kalache é possivelmente o nome mais identificado com a causa do envelhecimento no mundo. Ele criou o “Abraço Global”, as “cidades amigas dos idosos” e outras iniciativas de ruptura na área. Agora luta pela convenção da ONU para os direitos humanos dos idosos. Kalache tem pressa. Menos por seus 64 anos de idade e mais porque a velocidade do envelhecimento da população brasileira o assusta.



origem às cidades amigas dos idosos. Vale lembrar que Copacabana é um microcosmo do País, e do mundo, porque tem dos apartamentos de luxo da Avenida Atlântica à favela.

Quais foram as descobertas?

Primeira: o grande amigo do idoso é o porteiro do prédio onde ele mora. É o Seu Joaquim que conversa, troca a lâmpada, carrega as compras, alerta sobre os perigos, avisa os familiares de comportamentos pouco usuais. Esse porteiro pode ganhar uns trocados prestando pequenos serviços aos idosos.

Segunda: o grande inimigo é o motorista do ônibus, que não para quando vê o velho, ou para longe da calçada, dificultando o acesso, ou ainda dá uma arrancada quando o idoso está subindo os degraus.

Terceira: existe o grave problema da segurança para os idosos. Os jovens – e os trombadinhas – abusam deles, e os policiais, por sua vez, são impacientes para atendê-los, ajudá-los a atravessar a rua ou prestar-lhes informações.

Do ponto de vista da política pública, o importante é sensibilizar o porteiro, o motorista de ônibus e o policial para as peculiaridades do idoso e, em seguida, treiná-los. A sensibilização como ponto de partida é fundamental: esses profissionais precisam vivenciar as situações do cotidiano como se fossem idosos – por exemplo, o motorista de ônibus passa meia hora andando com óculos embaçado com vaselina, tampão no ouvido, peso no braço e sapato apertado.

A mesma estratégia de sensibilização e treinamento valerá para funcionários de bancos e de empresas em geral, e as oportunidades de criar novos produtos e serviços surgirão naturalmente do estudo desse cenário que descrevi. E se aplica tanto a consumo final como a marketing: por exemplo, ônibus podem “ajoelhar-se” para que os idosos subam, como marketing.

Em empresas dos setores de saúde e alimentação também?

Sim, mas não só elas. No caso da saúde, vale observar que não vai dar tempo de formar geriatras suficientes para atender essa população toda que está envelhecendo. Todas as especialidades vão precisar aprender a lidar com idosos em especial. No caso da indústria alimentícia, a dieta saudável é fundamental para o envelhecimento ativo, então um leque de oportunidades vem daí.

E idosos têm recursos suficientes para serem consumidores?

Claro! A economia de todo o bairro de Copacabana gira em torno do idoso, por exemplo. E isso vale até para a camada de mais baixa renda! Os 2 mil municípios mais pobres do Brasil hoje têm sua economia girando em torno dessa pensão não contributiva. É um dinheirinho, mas, somado, tem impacto. É o mesmo raciocínio que tem feito as empresas mundo afora inovar para atender o consumidor da base da pirâmide socioeconômica.

Não lhe parece que as empresas têm medo de associar sua imagem ao idoso por uma questão de marketing? O próprio Brasil pode ter medo de deixar de ser visto como o “país jovem do futuro”...

Na verdade, eu acho que a grande oportunidade de marketing está em se associar ao idoso. Minha obsessão agora é que o Brasil lidere o processo que levará à convenção dos Direitos Humanos do Idoso. Quando a Declaração Universal dos Direitos Humanos foi adotada, em 1948, nem nos países mais ricos havia a preocupação com a questão do idoso; por isso, o en-

velhecimento não entrou lá nem na terminologia utilizada. Mas, 60 anos depois, isso ficou inevitavelmente relevante. Dei a sugestão e o Itamaraty aceitou; o [ministro das Relações Exteriores] Celso Amorim deu uma resposta excelente – ele viveu em Copacabana quando adolescente. O país que primeiro perceber o envelhecimento como grande tema terá dividendos diplomáticos por décadas e suas empresas vão na esteira disso. Esse será o país que vai liderar o futuro.

O Brasil tem moral para isso?

Sim. Por exemplo, as duas coisas mais importantes nesse caso são os direitos à renda e à saúde. Com as pensões não contributivas, a atenção do mundo, hoje, está voltada para o Brasil e para a África do Sul, porque são experimentos importantes. Precisam dar certo e ser sustentáveis – mas acho que são, pois estão sendo gastos menos de 2% do PIB. E temos trabalhos de excelência com idosos em instituições como o Sesc [Serviço Social do Comércio].

O processo já foi iniciado. No dia 9 de fevereiro último, eu presidi uma sessão da ONU [Organização das Nações Unidas, em Nova York] para discutir e aprender o caminho das pedras. Chamamos o setor de incapacitados, que foi o último que conseguiu uma convenção, para nos ensinar.

Com o desafio imenso e todas as dificuldades, você é otimista?

Sou, quando lembro que o Brasil já conseguiu dar viradas impressionantes, em que ninguém acreditava, como o controle do fumo – nosso programa é melhor que o canadense! – e o da aids. A instituição do bafômetro para controle do consumo de álcool, enquanto a fiscalização foi levada a sério, também teve efeito expressivo. E o Brasil tem uma capacidade de empreendedorismo improvisado que me surpreende. ●

